



O Sujeito Pós-Moderno em *Annie Hall*¹

Vinícius Soares PINTO²
Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo identificar elementos que caracterizam o sujeito pós-moderno no filme *Annie Hall* (1977), do diretor norte-americano Woody Allen. O trabalho é dividido em duas partes: a primeira compreende uma revisão teórica sobre as principais características da vida pós-moderna, enquanto a segunda concentra-se na análise fílmica de *Annie Hall* por meio de uma interpretação crítica entre a obra e os elementos pós-modernos identificados no início deste estudo.

PALAVRAS-CHAVE: *Annie Hall*; cinema; pós-modernidade; Woody Allen.

O sujeito na pós-modernidade

O complexo conjunto de fatores que caracteriza a vida pós-moderna, como as relações sociais imediatistas e efêmeras, a valorização do consumismo hedonista, a perda de solidez e credibilidade das metanarrativa (LYOTARD, 2013), transformou a maneira como os indivíduos se comportam nas relações sociais cotidianas.

O sujeito contemporâneo tem potencializada a dificuldade em lidar com os múltiplos papéis e diferentes identidades que lhe são exigidos a todo momento, consequência de uma realidade que pregou novos parâmetros de tempo e espaço. “A globalização retém alguns aspectos da dominação global ocidental, mas as identidades estão, em toda parte, sendo relativizadas pelo impacto da compressão espaço-tempo” (HALL, 1999, p.80). Pois com a revolução tecnológica e a vivência de um mundo global em que o indivíduo tem a possibilidade de trocar experiências a todo momento com diferentes pessoas do planeta, a identidade cultural de cada um, antes fundamentada muito mais nas tradições e costumes de cada nação, começa a ser influenciada e formada também a partir destas constantes trocas entre sujeitos do mundo

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Mestrando em Comunicação e Linguagens (Universidade Tuiuti do Paraná); Especialista em Cinema (Universidade Tuiuti do Paraná); Especialista em Comunicação, Cultura e Arte (Pontifícia Universidade Católica do Paraná); Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda (Universidade Positivo).
Email: soarespinto.vinicius@gmail.com.



todo. “As identidades nacionais estão se *desintegrando*, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do “pós-moderno global” (HALL, 1999, p.69).

Diante da realidade em que o sujeito é submetido a desempenhar diferentes papéis sociais diariamente e não possui a solidez das instituições para se apoiar, Bauman afirma: “As identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno voo, usando os seus próprios recursos e ferramentas” (BAUMAN, 2005, p.35). Portanto, ao mesmo tempo em que a tecnologia tornou possível ao indivíduo trocar experiências com um número maior de pessoas de diferentes culturas, também fez com que ele comece a sentir a falta de uma identidade inata, de saber quem realmente ele é, já que ao se relacionar cada vez mais com o diferente, descobre que tem mais pontos em comum do que imagina, principalmente, no que diz respeito aos bens de consumo.

O sujeito pós-moderno olha para a terra onde nasceu e vê que seus gostos e costumes não pertencem mais exclusivamente àquele lugar e, da mesma forma, olha para fora, para o restante do mundo, para uma cultura global, e percebe que mesmo fazendo parte desta, ela também não é capaz de dizer quem realmente ele é. Desta forma, o indivíduo contemporâneo sofre com a condição da sua identidade cultural, como alguém que não se sente mais pertencente a um só lugar, mas também que não consegue sentir-se “em casa” perante uma cultura global.

O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, “nem-um-nem-outro”, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade (BAUMAN, 2005, p. 35).

Como citado por Bauman, vive-se um período em que a falta de solidez das instituições, estas capazes de prover a sensação de segurança e estabilidade ao indivíduo, aumenta ainda mais a necessidade deste em conseguir se identificar como pertencente a algum lugar. Sendo assim, talvez, o maior desafio para o homem contemporâneo é compreender que ele não deixou de ter sua identidade, mas que esta, consequência de um mundo globalizado, foi moldada a partir de relações sociais locais e globais. São experiências vividas originadas no lugar em que a pessoa nasceu, carregadas de tradição e costumes de uma determinada região, em contato com a troca de influências externas, globais, que dão origem às “culturas híbridas” (HALL, 1999).



Diante desta realidade de novos paradigmas também não é de se estranhar que ansiedades e neuroses sejam sentidas pelo sujeito que se vê incapaz de tecer uma identidade própria perante tantas opções. Portanto, ao mesmo tempo que o homem contemporâneo tem a possibilidade de se tornar quem ele deseja ser, a constante busca por uma identidade pode transmitir a sensação de não pertencimento, de fato, à cultura alguma. Sendo assim, Bauman realça a importância do sujeito pertencer a um grupo:

Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer “natural”, predeterminada e inegociável, a “identificação” se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um “nós” a que possam pedir acesso (BAUMAN, 2005, p. 30).

As identidades efêmeras na modernidade líquida não significam o desejo do homem em não pertencer a algum lugar ou estabelecer um mínimo de relações duráveis e seguras. Pelo contrário, ele precisa manter uma espécie de identidade inata para que consiga reconhecer-se durante o processo de lidar e se relacionar com as identidades móveis. E na sociedade pós-moderna, o grande desafio do indivíduo é não sofrer ao precisar administrar, diariamente, as diferentes identidades que lhe são impostas.

Na busca de uma vida virtuosa dentro de uma sociedade veloz e efêmera, como vem sendo caracterizada a realidade contemporânea, é possível ainda retomar mais um ponto em que a sociedade do consumo hedonista tira proveito da dificuldade do sujeito pós-moderno em definir a própria identidade: a “extraterritorialidade virtual” (BAUMAN, 2005). Pode-se dizer que se de um lado estão os indivíduos ansiosos e preocupados pelo fato de não se sentirem pertencentes a um grupo, a algum lugar, não conseguindo estabelecer vínculos com outras pessoas; e do outro lado está a mídia que tem a capacidade de oferecer a eles a possibilidade de pertencerem a uma comunidade, fazer com que consigam se reconhecerem através do consumo de produtos e ícones da moda. Por exemplo: o sujeito que opta por usar uma calça jeans *Levis* não está apenas usando uma simples calça, ele sente-se parte de um determinado grupo que se identifica com os valores de marca da grife.

Milhões e centenas de milhões assistem às mesmas estrelas de cinema ou celebridades *pop* e as admiram, mudam simultaneamente de *heavy metal* para o *rap*, das calças boca-de-sino para a última moda em tênis atléticos, fulminam o mesmo inimigo público (global), temem o mesmo vilão (global) ou aplaudem o mesmo salvador (global). Por algum tempo, isso os eleva espiritualmente acima do chão em que não lhes é permitido mover-se fisicamente (BAUMAN, 2005, p. 104).



A lógica aqui é transformar o indivíduo, independente de credo, raça e nacionalidade, integrante de um grupo de consumidores capazes de pagar para escutar, ler e assistir os mesmos ídolos. No entanto, esta identificação entre diferentes pessoas através do consumo pelos mesmos produtos midiáticos é tão efêmera quanto às relações sociais estabelecidas no mundo físico.

Viver em um período histórico em que não há limites para que o indivíduo possa ser o que ele deseja ser não é algo fácil. É realmente um desafio para o homem contemporâneo identificar qual a sua identidade no emaranhado de relações sociais complexas que estabelece com diferentes tipos de pessoas. Stuart Hall (1999) afirma que hoje as identidades culturais parecem “flutuar livremente” nesse mundo contemporâneo regido pelas relações globais:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas - desalojadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente” (HALL, 1999, p. 75).

A sociedade consumista induz o sujeito pós-moderno a encarar sua identidade como um reflexo e um apêndice das mercadorias que consome. O homem contemporâneo além de precisar administrar os múltiplos papéis que lhe cabe desempenhar em sua rotina, convive também com as vidas espetacularizadas que lhe são oferecidas como modelos a serem seguidos de beleza, conduta e estilo de vida. Diferentes projetos de vida, todos construídos a partir da lógica da indústria do consumo que através da mídia, da publicidade e do marketing, são apresentados como possíveis soluções para o fim das crises existenciais que acompanham o sujeito. Ou seja, vista-se e comporte-se como os personagens dos comerciais de televisão, que seus problemas serão resolvidos ou, pelo menos, amenizados. “Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos –, o espetáculo constitui o *modelo* atual da vida dominante na sociedade” (DEBORD, 1997, p.14).

A publicidade despende dezenas de milhares de dólares para mostrar uma estrela de cinema usando água-de-colônia que, na verdade, deseja vender às apaixonadas sem grana e às secretárias românticas do mundo inteiro. Tenta induzi-las em nome de um sonho burguês



inacessível. A publicidade não vende produtos nem ideias, mas um modelo falsificado e hipnótico da felicidade (TOSCANI, 1996, p.27).

Diante das incertezas e a sensação de efemeridade que a vida pós-moderna impõe ao indivíduo, como até mesmo sua própria identidade, que agora pode ser trocada como quem troca de roupa, um constante mal-estar toma conta da sociedade. “O mal-estar da civilização está hoje traduzido no desamparo do cidadão da sociedade global” (DUPAS, 2001, p. 81).

Na realidade pós-moderna, o homem urbano comum tornou-se uma espécie de ser movido e focado em performance, representação e otimismo, não sobrando espaço para crítica, reflexão e desilusão. O relevante para o sujeito contemporâneo é a busca pela materialização de seus sonhos que, constantemente, lhe são apresentados por meio de uma tela. No entanto, engana-se quem pensa que o fervor e o ritmo frenético deste homem “performático” (Dupas, 2001) é constante. A partir do momento que este percebe que suas conquistas reais são menores do que as que lhe foram prometidas pela sociedade do espetáculo, surge a sensação de impotência e frustração. Ao mesmo tempo, como afirma Dupas, é a *performance* que define o lugar social do indivíduo, quanto mais ele consegue lidar com as diferentes demandas de seu tempo, maior o seu prestígio e reconhecimento. "O sujeito da pós-modernidade é 'performático' está voltado para o gozo a curto prazo e a qualquer preço, reduzindo a importância dada àquilo que toma tempo e a aceitação dos sacrifícios que isso impõe" (DUPAS, 2001, p. 102).

Importante também observar que o mundo do entretenimento advindo do crescimento urbano e do progresso tecnológico não buscava a atenção do espectador apenas pelos estímulos audiovisuais, mas também tirando proveito do medo e das neuroses causadas por tamanhas mudanças na sociedade. Desse modo, a indústria do espetáculo utilizou-se muito do sensacionalismo popular, tirando proveito dos infortúnios acontecidos com sujeitos até então anônimos e comuns, como ferramenta para chamar atenção do público na hora de lhes oferecer notícias, espetáculos e produtos culturais. Para Singer (2004), a ênfase ao espetáculo, ao sensacionalismo e à surpresa foram elementos fundamentais para caracterizar uma nova maneira de se fazer entretenimento popular.

Com o estabelecimento da era visual e a proliferação das imagens, tudo parece estar progressivamente em estado de transparência. As escritas brilhantes, as telas de luminescências, tudo aparenta ser mais obscuro, ainda que paradoxalmente mergulhado em luz. De um lado,



nada mais parece impossível; o mundo da *performance* cultua o otimismo. De outro, cresce o sentimento de impotência diante dos impasses, da instabilidade, da precariedade das conquistas. A opacidade do futuro parece impenetrável. Encantamento e desilusão se alternam (DUPAS, 2001, p. 50).

Diante esta realidade, em que a indústria e o espetáculo se apropriam dos medos, angústias e problemas ocasionados pelo modo de vida pós-moderno, o homem capaz de superar essas dificuldades e vencer – mesmo que o significado da palavra vencer na sociedade do consumo seja ligada ao ato de ser feliz a partir da possibilidade de comprar – torna-se um sujeito valorizado e admirado pela sociedade contemporânea. Ou seja, conseguir viver, comprar, adaptando-se às múltiplas identidades diárias como uma espécie de homem camaleão, sem sofrimento, é o grande desejo do sujeito pós-moderno. Nas palavras de Bauman (2001, p.49), o atual modelo de vida faz com que o indivíduo precise avaliar, todos os dias, o seu próprio desempenho em relação ao próximo, tendo que lidar com o risco da auto-reprovação e do auto-desprezo.

Após esta breve caracterização do sujeito na pós-modernidade, o foco deste trabalho concentra-se na análise fílmica do *Annie Hall*, do diretor Woody Allen, relacionando o filme com as características da pós-modernidade vistas até aqui. Afinal para Vanoye (1994), o cinema é uma arte que consegue a partir do campo simbólico representar pontos de vista de uma realidade, mesmo que de maneira, muitas vezes, subjetiva. Um filme nem sempre consegue, ou nem tem como intenção, evidenciar de forma direta sua posição diante em determinado tema, sendo então papel do espectador crítico conseguir, por meio de uma análise fílmica, interpretar e decifrar o conjunto de intenções e significados contidos no mesmo.

Annie Hall

Filmes como *Tudo o que você sempre quis saber sobre sexo mas tinha medo de perguntar* (1972), *A última noite de Boris Grushenko* (1975), *Annie Hall* (1977), *Manhattan* (1979), entre outros do diretor Woody Allen, são exemplos de obras cinematográficas que mesmo sendo cômicas, repletas de piadas e situações engraçadas, também são lembradas pelos personagens marcados por crises existenciais, neuroses, relacionamentos efêmeros e medos da vida cotidiana. No entanto, o diretor norte-americano não considera que seus filmes são capazes de representar uma crítica social ou ter alguma conotação política, prefere adotar uma posição imparcial ao julgar seus filmes apenas como provedores de entretenimento. Porém, Neusa Barbosa (2002) –

crítica de cinema e pesquisadora da obra do diretor – deixa claro ao afirmar que filmes de Woody Allen, como *Zelig* (1983), não tem nada de superficiais, pelo contrário:

Prestando-se a tantas interpretações - muito além das intenções de seu criador, que nunca se pretendeu como um intelectual -, não admira que Leonard Zelig persista como uma das mais consistentes criaturas inventadas por Woody Allen. Além disso, é uma prova de que a sua propalada superficialidade não passa de mais uma lenda que ele inventou sobre si mesmo, com o componente autodepreciativo de sempre, dando razão do que disse dele sobre a revista *Time*, ainda no começo de sua carreira: “Woody não difama ninguém mais escandalosamente do que a si mesmo” (BARBOSA, 2002, p. 76).

Considerado pela crítica e pelo público como o filme que melhor representa a obra cinematográfica de Woody Allen, *Annie Hall* (1977) – lançado no Brasil com o título *Noivo Neurótico, Noiva Nervosa* – conta a história de Alvy Singer (Woody Allen), um sujeito atormentado por crises existenciais e que vive um relacionamento instável com Annie Hall (Diane Keaton).



Diane Keaton e Woody Allen em *Annie Hall* (1977)
Fonte: Metro-Goldwyn-Mayer em <http://www.imdb.com>

Em *Annie Hall*, Alvy Singer (Woody Allen) é um famoso escritor e humorista que se questiona a todo momento sobre o sentido da vida. Mesmo fazendo análise há quinze anos, Singer é um sujeito paranoico e neurótico em relação ao modo como a sociedade se comporta à sua volta, o que o faz sentir-se alguém deslocado e diferente das outras pessoas. Singer se incomoda com a felicidade gratuita das pessoas, com os



fãs que lhe pedem autógrafos, com as barulhentas sirenes durante à noite e, principalmente, com a relação amorosa conturbada que mantém com Annie Hall (Diane Keaton), uma jovem cantora por quem se apaixona.

O filme que acontece todo em Nova York, no fim da década de 1970, tem como foco a relação entre Alvy Singer e Annie Hall, e as complicações da relação pelos questionamentos existenciais levantados pelo protagonista, que não consegue entender certas atitudes de sua companheira. No entanto, a dificuldade de Singer em aceitar e compreender as atitudes de Annie e das pessoas à sua volta é fruto de traumas vividos quando crianças e por sempre ter lido e estudado demais, fato que lhe tornou um homem cético e, conforme o próprio personagem, pensante demais para ser feliz.

Mesmo *Annie Hall* sendo classificado como uma comédia romântica, o filme trata de questões pertinentes no que diz respeito às angústias do homem contemporâneo por meio do sarcasmo e da ironia de Woody Allen, sendo possível retratar a sensação de paranoia e neurose que permeia o modo de vida urbano atual. Como será aprofundado adiante, será possível analisar a maneira como *Annie Hall* retrata a relação do sujeito pós-moderno com as expectativas que cria em torno de sua vida amorosa e de uma intensa atividade sexual; da dificuldade de conviver em sociedade, aceitando e concordando, mesmo que superficialmente, com as opiniões do próximo; do desafio de viver tranquilamente e aceitar que a vida talvez não tenha sentido algum, na possibilidade que não exista um deus criador e nem algo maior capaz de salvar o homem do sofrimento que é viver.

O enfraquecimento das instituições e ideologias na pós-modernidade deixou o sujeito contemporâneo sem ter no que acreditar, a não ser que a vida talvez não tenha realmente um sentido, sendo toda a existência humana explicada como uma sucessão de fatos ao acaso. Essa angústia, ou falta de esperança, do indivíduo em dar um sentido à vida é mostrado com frequência em *Annie Hall*.

Após os créditos iniciais, a primeira cena do filme é o protagonista, Alvy Singer, conversando diretamente com a câmera sobre sua visão de mundo em relação à vida, ao seu futuro após os quarenta anos, às mulheres e, principalmente sobre as possíveis causas para o fim de seu relacionamento com *Annie Hall*. Neste primeiro diálogo de Singer com o espectador, por meio de uma piada ele compara a vida com uma refeição horrível de porções minúsculas. Ou seja, para Singer a vida é simplesmente algo repleto de solidão, miséria, sofrimento, tristeza e que, ainda por cima, dura pouco.



Alvy Singer na primeira cena de *Annie Hall* (1977)
Fonte: Filme *Annie Hall* (1977)

Desta forma, a visão de mundo que o protagonista interpretado por Woody Allen relata no início do filme é um retrato da situação do indivíduo pós-moderno que vive com a angústia de fazer parte de um mundo em que nada parece fazer sentido. Outra cena em que aparece a angústia desse homem contemporâneo em lidar com a própria existência é quando Singer, acompanhado de Annie Hall, em uma livraria, seleciona livros de filosofia e diz que vai comprá-los para que ela os leia. Annie questiona-o dizendo que aqueles livros são sobre coisas sérias e Singer argumenta sobre como a morte é um tema intrigante, e expõe sua visão pessimista em relação à vida. Ele explica à Annie que a vida pode ser dividida em duas categorias: horrível e miserável, sendo a primeira referente às pessoas com casos terminais, cegas, inválidas, enquanto o todo o resto é enquadrado como miserável. Desta forma, para Alvy, a pessoa precisa sentir-se com sorte por fazer parte do grupos dos miseráveis e não sofrer como quem faz parte dos classificados como horríveis.



Alvy Singer e Annie Hall na livraria
Fonte: Filme *Annie Hall* (1977)

O modo pessimista de enfrentar a realidade, sentindo-se viver num lugar inseguro e sem explicação, faz com Singer jamais consiga relaxar, tornando-se um paranoico e neurótico, não conseguindo sequer compreender a felicidade das pessoas nas ruas. Isso fica claro quando Singer dirige-se a um casal sorridente que caminha pela calçada e pergunta: por qual motivo eram felizes? Ambos respondem que a felicidade deles era consequência por serem superficiais, vazios e não terem ideias.

Portanto, ao levar em consideração a realidade do indivíduo contemporâneo que sofre com a insegurança da sociedade líquida e a pressão por se enquadrar no modelo de felicidade que lhe é oferecida pelo mundo do espetáculo, Alvy Singer consegue demonstrar por meio da paranoia e da ansiedade o seu medo e insatisfação pelas inúmeras incertezas que é viver.

Precisar exercer múltiplos papéis sociais na rotina diária é uma das necessidades que a realidade pós-moderna impõe ao sujeito contemporâneo. Como afirma Hall (1999, p.75), o sujeito contemporâneo é desafiado a escolher uma identidade própria na pós-modernidade, já que ele é constantemente confrontado por uma gama de diferentes identidades. Esse aspecto da vida contemporânea que pode ser caracterizado como um fator de crise para o indivíduo, que sofre ao precisar agir de maneira que, muitas vezes, podem ir contra suas próprias convicções, é outro ponto identificado no filme *Annie Hall* (1977).



Conversa entre Alvy Singer e Annie Hall
Fonte: Filme *Annie Hall* (1977)

Uma cena em que essa situação é demonstrada é no diálogo entre o casal Alvy Singer (Woody Allen) e Annie Hall (Diane Keaton). Durante a conversa do casal, na parte superior da imagem, é exibida uma legenda que representa os pensamentos de



cada personagem. Desta forma, é possível perceber a diferença entre o que cada personagem está falando, com que estão, realmente, pensando. No diálogo, Alvy Singer e Annie Hall, que ainda não estão namorando, conversam sobre diferentes assuntos, entre eles sobre a estética da arte. Ambos buscam impressionar um ao outro, usando expressões e comentários eruditos, porém todos de maneira superficiais, já que enquanto conversam o pensamento de cada um está voltado para outras coisas. Por exemplo, enquanto Alvy fala "Fotografia é uma nova forma de arte. Ainda sem critério estético.", ele está pensando: "Como ela é pelada?". Annie, mesmo se sentindo insegura diante o conteúdo complexo da fala de Alvy, com o pensamento: "Não sou inteligente como ele. Calma.", não deixa passar insegurança e se mantém centrada na conversa.

Portanto, a situação em que o indivíduo é submetido, por conveniência, a emitir um discurso e agir de maneira que não conduz com a sua própria identidade, ilustrada pela cena de Allen com diálogos e legendas de pensamento que se contradizem, demonstra mais uma característica do modo de vida pós-moderno refletido em sua obra cinematográfica: a necessidade do sujeito em incorporar diferentes identidades, de acordo com seus interesses e necessidades. Esta mesma questão do sujeito e as diferentes identidades também é abordada no filme *Zelig* (1983). No entanto, neste o protagonista não precisa agir de modo diferente do seu pensamento, ele tem uma anomalia que consegue ser quem ele deseja, ou seja, não precisando sofrer com crises de identidade.

A vida na pós-modernidade é transformada em espetáculo pela lógica da indústria cultural, fazendo com que o homem urbano comum deseje fazer da sua vida o mais próxima possível do que assiste nos meios de comunicação. A busca pela felicidade, a partir dos ideais transmitidos pela mídia, faz com que o sujeito contemporâneo se cobre a todo momento por jamais conseguir ser exatamente como os arquétipos que lhe são transmitidas pelos anúncios publicitários. De acordo com Dupas (2001), tornando-se o "homem performance", aquele que não pode falhar nunca, que precisa agir sempre de acordo os modelos estabelecidos pela moda e a mídia. No entanto, é comum que este indivíduo sinta-se impotente e frustrado ao perceber que é impossível fazer da sua rotina algo tão emocionante como a vida transmitida, como modelo ideal, pelos inúmeros anúncios publicitários.

Esta frustração e insatisfação contínua por não conseguir fazer com que a vida seja tão bela quanto um comercial de televisão, também é identificada no personagem de Woody Allen em *Annie Hall* (1977). Logo na primeira cena do filme, quando Alvy

Singer conversa com a câmera, ele se questiona por não se conformar com o fim de seu relacionamento com Annie Hall. Argumenta que não entende como um sujeito que nem ele, que não é rabugento e nem depressivo, que teve uma infância feliz, não conseguiu manter um relacionamento amoroso por mais de um ano.



Alvy Singer na primeira cena de *Annie Hall*
Fonte: Filme *Annie Hall* (1977)

Além dessa cena, o filme como um todo é uma constante busca de Alvy Singer em saber onde que esteve o erro por não ter sucesso na relação com Annie. Essa cobrança do indivíduo consigo próprio também é identificada nas cenas em que tanto Alvy Singer e Annie Hall fazem análise com seus terapeutas e expõem suas angústias em relação ao relacionamento. A culpa por não conseguirem desempenharem o papel social que gostariam com o companheiro é demonstrado nas palavras de ambos: Annie sente-se culpada por não conseguir transar com Alvy e este reclama da baixa atividade sexual do casal, além do fato de nunca se divertirem juntos.



Annie Hall e Alvy Singer fazendo análise
Fonte: Filme *Annie Hall* (1977)

O sentimento de culpa nas personagens em *Annie Hall* (1977) reflete a cobrança que o sujeito contemporâneo se impõe ao tentar desempenhar uma vida sem erros e



falhas, conforme o modelo que lhe é prometido pela lógica do espetáculo. No entanto, por não conseguir alcançar o padrão de perfeição estabelecido pela mídia, o homem acredita ser um problema nele, sente-se deslocado e precisa buscar ajuda para tentar compreender a si mesmo e a realidade à sua volta.

Considerações finais

Diferente dos romancistas distópicos, Woody Allen não retrata em sua obra um futuro apocalíptico, mas um presente do qual também não vê motivos para crer que a realidade possa melhorar por meio da humanidade. Como foi analisado brevemente neste trabalho, o filme *Annie Hall* (1977) pode ser considerado um retrato do modo da vida pós-moderna. É uma obra com que traz à tona as crises vividas por personagens, como problemas existenciais, neuroses com banalidades diárias, relacionamentos amorosos efêmeros e a falta de crença nas metanarrativas. No entanto, mesmo não sendo um filme com a pretensão de documentar ou registrar um determinado período histórico, ainda assim é possível utilizá-lo para ajudar na compreensão da sensação de angústia vivido pelo sujeito na pós-modernidade.

Portanto, como afirmou Stam (2003), para compreender a subjetividade contemporânea é necessário voltar o olhar para as representações midiáticas de seu tempo, analisar a obra cinematográfica de um diretor como Woody Allen é um dos caminhos possíveis para ajudar a entender o período no qual estamos condenados a viver.

REFERÊNCIAS

- ANNIE HALL. Direção e roteiro: Woody Allen. Metro-Goldwyn-Mayer Pictures Inc, 1977. 1 DVD.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BARBOSA, Neusa. **Woody Allen**. São Paulo: Editora Papagaio, 2002.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DUPAS, Gilberto. **Ética e poder na sociedade da informação**. De como a auto-economia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.



LAX, Eric. **Conversas com Woody Allen**: seus filmes, o cinema e a filmagem. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In CHARNEY; SCHWARTZ. Org. **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac e Naify. 2004. p. 95-123.

STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. Campinas: Papyrus, 2003.

TOSCANI, Oliviero. **A publicidade é um cadaver que nos sorri**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

VANOYE, Francis & GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.